

Vitória de Sarney, novo Governo

Pouco antes de ser iniciada ontem a votação na Constituinte da emenda que consagraria o presidencialismo por larga de diferença de votos a seu favor, o deputado José Lourenço, líder do PFL, antevendo a vitória, pedia que todos os ministros apresentem pedido de demissão coletiva, a fim de facilitar ao presidente Sarney a obra política de remanejamento interno da equipe governamental. Um dos políticos mais chegados a Sarney assegura que a reforma ministerial é assunto decidido, a ser deflagrado na próxima semana, junto com medidas de grande impacto no campo econômico e administrativo.

O grupo político mais combativo do Governo, que reúne ministros como Prisco Viana, João Alves, Antônio Carlos Magalhães e Borges da Silveira, o qual se mobilizou em torno de Sarney pela vitória do presidencialismo, vai exigir agora, com energia redobrada, o afastamento do Governo de todos que se empenharam pela aprovação do parlamentarismo, como os ministros Renato Archer, Luiz Henrique e Celso Furtado, todos eles amigos e confidentes políticos de Ulysses Guimarães.

Os próprios parlamentaristas do PMDB ligados mais perto de Ulysses admitiam ontem que haviam errado em sua estratégia. Na sexta-feira passada os líderes do parlamentarismo entraram em tal grau de euforia, que levaram Ulysses a abandonar suas tradicionais posições de cautela política, em troca da defesa mais ousada de uma solução negociada de parlamentarismo. Isso tornou-se visível através dos amigos mais íntimos de Ulysses, que se descobriram e passaram a trabalhar abertamente pelo parlamentarismo.

A reação não tardou a vir: sentindo-se ameaçado, o Palácio do

Planalto, para obter a vitória que acaba de conquistar, organizou vasta operação política, que incluiu os ministros mais fiéis a Sarney, governadores e os líderes governamentais na Constituinte. Governadores como Orestes Quêrcia, Newton Cardoso, Alvaro Dias, Tasso Jereissati e Tarcísio Buriti, entre outros, exerceram nas últimas horas papel decisivo em favor do Governo, fazendo refluir para o presidencialismo votos parlamentaristas tidos como certos.

O Tom agressivo de Lourenço

O presidente Sarney telefonou ao deputado Ulysses Guimarães para se desculpar, afirmando não ter qualquer responsabilidade no tom político agressivo usado pelo seu líder, deputado José Lourenço, ao acusar o presidente do PMDB de ter procurado desestabilizar politicamente o Governo, ao revelar nítida simpatia pelo parlamentarismo com cinco anos. A revelação é de amigos de Ulysses. De sua parte, o deputado José Lourenço defendeu-se, alegando que empregara contra Ulysses linguagem política mais dura, ao perceber no último fim de semana que andava baixo o moral da tropa presidencialista sob seu comando. «Foi o meu grito de protesto que fez despertar e dar ânimo ao meu grupo», justificou-se o líder do PFL. Lembrou ainda Lourenço que fato injustificável aconteceu: enquanto no domingo Sarney se reunia com ministros e lideranças políticas para lutar pela aprovação do presidencialismo, Ulysses se deslocava para a casa do ministro Renato Archer, onde, junto com o ministro Luiz Henrique, tentou mobilizar forças em defesa do parlamentarismo.

Num desabafo, o deputado José Lourenço ameaçou: «Se eles ficarem no Governo, quem sai sou

eu». O líder do PFL é de opinião que Sarney tem de fazer uma redefinição política do seu Governo.

Denúncias contra Sarney

Já pressentindo, na manhã de ontem, que o presidencialismo deveria ser vitorioso na Constituinte, o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB, atribuía a derrota do parlamentarismo a favores de toda natureza oferecidos pelo Governo aos que engrossaram suas fileiras. «Vamos denunciar a podridão do Governo Sarney, que nada fica a dever às do regime militar», ameaçou o líder do PMDB. Promete na Constituinte dar o troco nos governadores do PMDB que tomaram posição a favor do Planalto e contra o parlamentarismo. Faz apenas umas poucas exceções: os governadores Miguel Arraes, Waldir Pires, Moreira Franco e Pedro Simon. Segundo ele, se os governadores que trabalharam pelo presidencialismo estão gostando do Governo Sarney, que não esperem por reformas tributárias que os tirem do sufoco financeiro em que se encontram.

O senador Fernando Henrique Cardoso reconhece que com o triunfo do presidencialismo o Governo ficou politicamente mais forte e os cinco anos a Sarney estarão garantidos, se o mesmo princípio for estabelecido para os mandatos presidenciais nas disposições permanentes da futura Constituinte.

Pai e Filho

As divergências entre parlamentaristas e presidencialistas se tornaram tão profundas que acabaram por provocar cisões até de caráter familiar. O governador Alberto Silva, do Piauí, presidencialista, está ameaçando romper com seu filho, o deputado Paulo Silva, que votou com o parlamentarismo.